SERMAÕ
DE
S. JOAÕ NEPOMUCENO,
PROTOMARTYR DO SIGILLO,
PREGADO
Na ſua Igreja dos Religioſos de Santa Tereſa no terceiro dia de ſua novena de tarde,
QUE OFFERECE
AO EXCEL. E REV. SENHOR O SENHOR,
D. THOMAS
DE ALMEIDA,
Presbytero Principal da Santa Igreja Patriarcal,
SEU AUCTOR
DOM JOACHIM BERNARDES,
Clerigo Regular.

LISBOA.
Na Officina de MIGUEL RODRIGUES, Impreſſor do Emin. Senh. Card. Patriarca.
M. DCC. XLVI.
Com as licenças neceſſarias.

L 2819

2 55

EXCEL.^mo E REV.^do SENHOR,

EXCEL.mo E REVER.mo SENHOR;

SUA Eminencia me faz a honra de querer ver eſſe Sermaõ: eu o ponho na maõ de

355

de V. Excellencia, para que chegue mais digno aos ſeus pés. Se V. Excellencia lhe pozer a lima, irá mais correcto: Se Sua Eminencia lhe infundir o eſpirito, ſerá mais efficaz. Graças a Deos por nos dar hum Prelado tal, que facilita o acceſſo aos ſeus ſubditos. Graças a Deos, que nos deo em V. Excellencia hum imitador ſeu taõ heroico, que permitte eſtas licenças aos ſeus criados. Diſſimule V. Exc. o atrevimento do ſacrificio, que lhe faço,

ço, pelo grandiſſimo pejo, que me reſulta, e mereça a modeſtia o que naõ merece a obra. Perdoe-me V. Excellencia eſte enfado, e honreme com os ſeus preceitos. Deos guarde a V. Excellencia os annos, que merece. De caſa 16. de Mayo de 1746.

De V. Excellencia

Mais reverente Orador, e ſervo

D. Joachim Bernardes.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca
455

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

Approvação do M. R. P. M. D. Caetano de Gouvea, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi o Sermaõ do glorioso Protomartyr, do ſigillo Sacramental S. Joaõ Nepomuceno; prègado na Igreja do meſmo Santo pelo M. R. P. D. Joachim Bernardes, Conego Regular da antiga Congregaçaõ de Santa Cruz de Coimbra, e conforme o juizo, que pude fazer deſta taõ util, como excellente obra, pareceme, que eſtà feita com toda a força, eloquencia, e eruditçaõ, que pede naõ ſó a materia, que nella ſe trata, mas tambem o preſente tempo, em que Deos quiz caſtigar as culpas deſte Reyno com a mais rigoroſa ſeveridade da ſua juſtiça, permittindo, que nelle ſe introduziſſe hum erro, que a Igreja ſempre abominou, como o mais deteſtavel, e pernicioſo, porque faz que ſe aborreça, como mortal veneno, o mais efficaz, e ſaudavel remedio do peccado. Naõ póde, Senhor Eminentiſſimo, o ſagra-

grado, e myſtico edificio da Igreja padecer a ultima ruina, ainda que contra elle ſe conjure, e o aſſaltem todas as furias do Inferno, porque eſtá fundado ſobre a incontraſtavel firmeza de huma pedra Apoſtolica, e guardado, e defendido pela omnipotente, e vigilantiſſima providencia do meſmo Deos, que o formou. Porèm ſe a Igreja naõ póde ſer arruinada, e deſtruida no mundo, póde ſer mudada de hum lugar para outro, de huma para outra Provincia, que por iſſo ſe repreſenta na Sagrada Eſcritura ſobre huma roda naõ ſó veloz, mas velociſſima, baſta ſer medianamente inſtruido na hiſtoria Eccleſiaſtica para conhecer a infallivel certeza deſta verdade. Nos primeiros ſeculos do Chriſtianiſmo floreceo a Igreja no Oriente com a mayor pureza na doutrina, e nos coſtumes, em quanto foy governada pelos Athanaſios: pelos Baſilios, pelos Gregorios, pelos Chryſoſtomos, e por outros ſantiſſimos, doutiſſimos, e prudentiſſimos Prelados, o meſmo lhe ſuccedeo em Africa em quanto a governaraõ os Cyprianos, os Valerios, e os Agoſtinhos; e ha pouco mais de dous ſeculos, que da meſma ſorte florecia em muitas partes da Europa, porque os ſeus Prelados imitavaõ na doutrina, e no zelo aos antigos, porém em todas eſtas partes apenas ſe conſerva hoje a ſua memoria, ou na tradiçaõ, ou nas ruinas. Os Templos, em que Deos recebia hum culto verdadeiro, e os Altares conſagrados com as reliquias dos Santos, e ungidos com o ſagrado criſma ou eſtaõ profanados com impias abominaçoens, ou ſepultados nas ſuas meſma ruinas; deſta infelicidade, que he entre todas a mayor, foraõ cauſa os erros, que contra a pureza da religiaõ nas meſmas partes

tes ſe introduziraõ, ou porque naõ encontráraõ oppoſiçaõ onde a deviaõ encontrar, ou porque acharaõ patrocinio em quem os devia perſeguir; porque tudo iſto permitte Deos quando quer tomar huma taõ juſta, como ſevera vingança das offenſas, que lhe fazem os peccadores, que ſempre lhe devem ſer fieis, como o meſmo Deos revelou pela boca de hum Profeta á Igreja de Iſrael, quando era verdadeira. Com hum flagello ſemelhante, ou com huma ſemelhante infelicidade moſtrou Deos, que queria caſtigar no noſſo tempo o noſſo Reyno, mas como neſte ſe ha de conſervar ſempre pura a Religiaõ, e fé de Jeſu Chriſto, como o meſmo Senhor prometteo ao ſeu Auguſtiſſimo Fundador, quando lhe deo a coroa no campo de Ourique; por iſſo no meſmo tempo, em que para caſtigo das noſſas culpas permittio o mal, logo lhe prevenio o remedio no Apoſtolico, e ardente zelo de V. Emin. e do Eminentiſſimo Senhor Cardeal Patriarca. Nunca Voſſas Eminencias ſe moſtraraõ mais dignos da mageſtade de Principes da Igreja, nunca deſempenharaõ mais heroicamente as altiſſimas obrigaçoens, em que os pozeraõ as eminentes dignidades, que occupaõ: e a ſagrada purpura, que veſtem, como quando fulminaraõ hum erro, que disfarçado, ou cuberto com a capa de zelo maquinava huma grande ruina à Igreja, a qual com agradecida memoria recommendarà á poſteridade nos ſeus Annaes os glorioſos nomes de taõ illuſtres defenſores.

O ſigillo ſacramental naõ ſó he de direito natural, mas tambem he de direito divino, como o meſmo ſacramento da confiſſaõ, como ſe prova com as authoridades dos Santos Padres, e Concilios

lios dos primeiros ſeculos da Igreja, e por eſta razaõ ſe vè taõ recommendada a ſua obſervancia pelos meſmos ſantos Padres, e Concilios, que eſtabeleceraõ eſta doutrina de tradiçaõ divina, e pelos mais doutos Theologos, que a illuſtraraõ, e defenderaõ, porque como affirma o doutiſſimo, e Illuſtriſſimo Jacob Maldero, Lente de Theologia na Univerſidade de Lovaina, e depois digniſſimo Biſpo de Anveres, todos enſinaõ, que nunca he licito ao Confeſſor nem para evitar algum mal, nem para fazer algum bem revelar o ſigillo da confiſſaõ, ainda que deſte bem ſe ſeguiſſe o fazerſe todo o mundo Chriſtaõ, e daquelle mal o naõ haver na Igreja Sacerdotes, nem confiſſaõ, e iſto ainda que hum Anjo do Ceo revelaſſe o contrario, e o Papa o mandaſſe, e o diſpenſaſſe: *Pro nullo incommodo avertendo, pro nullo bono procurando licet Confeſſario revelare ſecretum confeſſionis: etiamſi ea revelatione poſſit totum mundum Chriſto lucri facere, aut graviſſimum damnum ſpirituale à tota Eccleſia, vel Republica avertere, etiamſi illud tale eſſet, quo omnes Sacerdotes, & quo ipſa confeſſio è medio tollerentur etiamſi Angelus de cælo aliter faciendum revelaret, & Papa aliter juberet, aut diſpenſaret. Eſt omnium Doctorum ſententia.* Dà grande pezo a eſta doutrina de todos os mais doutos Theologos a cuidadoſa providencia, que Deos tem da guarda do ſigillo ſacramental, porque, como tem obſervado muitos, e graves Auctores, permittindo o meſmo Senhor, que muitos Confeſſores perdeſſem o juizo, naõ ſe ſabe de algum, que na ſua loucura revelaſſe nada do que tinha ouvido na confiſſaõ. O meſmo tem ſuccedido com todos aquelles, que deſamparados da graça divina tem apoſtado da verdadeira religiaõ,

Malder. de Sigillo c. 3. pag. 33.

Langlet tract. hiſt. & dogm. de inviol. confeſſ. ſigil. gallice ſcript. c. 16. pag. 357. Soto de detegendo ſecreto q. 14 conc. 1. Vaſq. in 3. p. tom. 4. q. 93. art. 4. dub. 1.

§

giaõ, e abraçado varias hereſias, principalmente nos dous ultimos ſeculos, e tendo muitos delles nos impios livros, que eſcreveraõ, proferido ás mais abominaveis, e ſacrilegas blasfemias contra a Igreja, contra os Sacramentos, e principalmente contra o da penitencia, ainda nenhum revelou o ſigillo do que ouvira na confiſſaõ, antes pelo contrario ſe ſabe de hum, * que a poucos cede na impiedade, o qual na meſma obra em que ſacrilegamente impugna o ſacramento da penitencia, e o pertende tirar da Igreja, faz huma cruel invectiva contra os reveladores do ſigillo, dizendo que devem ſer caſtigados com o mayor rigor.

* Marc. Antonio de Dominis. Idem Langlet pag. 360.

O doutiſſimo Cardeal de Perron, diſſe, que a revelaçaõ do ſigillo ſacramental he contra o direito das gentes, e por eſta razaõ nos ſupremos Tribunaes do Reyno de França ſe tem proferido muitas ſentenças, pelas quaes foraõ condemnados ao ultimo ſupplicio, como pertubadores da Religiaõ, e do Eſtado, muitos Confeſſores convencidos de revelarem o ſigillo. Muitos, e graves Theologos affirmaõ, que os Juizes Eccleſiaſticos devem relaxar ao braço ſecular eſtes ſacrilegos profanadores do ſacramento da penitancia pela grandeza do ſeu delicto, que ainda he mais grave, mais enorme, e mais eſcandaloſo, que o que commetteo Judas quando vendeo Chriſto aos Judeos: aſſim o affirma hum Auctor, que depois de illuſtrar a eſta Cidade com o naſcimento, illuſtrou toda a Igreja com a grandeza das virtudes, e da doutrina, e ainda hoje a illuſtra com a grandeza, e multidaõ dos milagres: eſte he o glorioſo Santo Antonio; veja V. Eminencia a força, e clareza, com que ſe explica em hum dos ſeus Sermoens ſobre

Idem 310.

Langlet, Malderus, Feliciani, Henriq. Theophilus Reyn. Tanerus, Gobat.

eſta

eſta taõ importante materia: *Vere enim filii ſunt diaboli, (Confeſſores) à Deo vero, & vivoreprobati, ab Eccleſia triumphante expulſi, & à militante excommunicati, ab officio, & beneficio deponendi, & infamiæ publicæ exponendi, qui confeſſionem non dico verbo, (quod pius eſt omni homicidio) ſed ſigno, vel alio quocumque modo occulto, vel manifeſto irriſorie, vel applauſorie denudant, & manifeſtat. Audacter dico, qui cumque diſcooperuerit confeſſionem, gravius peccat proditore Juda, qui Dei filium Judæis vendidit.* D. Anton. Lisb. ſerm. 2. Domin. 1. Quadr. p. 136. E como neſtas palavras moſtra o noſſo Santo, que foy o mais acerrimo defenſor do ſigillo ſacramental, em quanto viveo no Mundo, tambem agora, que reina glorioſo no Ceo, o ha de ſer para livrar a ſua patria de hum erro, que tanto abominou, e unindo a ſua poderoſa interceſſaõ com a de S. Joaõ Nepomuceno, ambos alcançaráõ de Deos, que fortaleça o coraçaõ de V. Eminencia, e o do ſeu Eminentiſſimo Collega para defenderem a pureza da fé, e da religiaõ, como ſaõ obrigados, e para coroarem a Igreja, de que ſaõ Principes, com a victoria de hum inimigo, que entre todos he o que mais fortemente acombate, porque moſtra que a defende. Para eſta victoria ſe miniſtraõ no preſente Sermaõ as melhores, e mais fortes armas: mande V. Eminencia que ſe publique por meyo da impreſſaõ. Lisboa na Caſa de noſſa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 23. de Mayo de 1746.

D. Caetano de Gouvea. C. R.

VIſta a informaçaõ, póde imprimirſe o Sermaõ, que ſe apreſenta, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa 24. de Mayo de 1746.

Fr. R. de Lancaſtro. *Abreu.*

DO ORDINARIO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. Fr. Joſeph de Oliveira da Ordem da Santiſſima Trindade, &c.

EXCELLENT.mo E REVER.mo SENHOR.

MAndame V. Excellencia ver eſte Sermaõ, que na celebridade de S. Joaõ Nepomuceno prégou o M. R. P. M. D. Joachim Bernardes, Clerigo Regular. Nelle vejo cumprido, que ſempre que Deos por ſeus altiſſimos fins permittio, que a ſua Igreja tiveſſe guerras, que a combateſſem, a armou a ſua incomprehenſivel providencia de eſcudos, que a defendeſſem, aſſim lhe tem ſuccedido em todos os tempos, porque em todos teve ſempre contratempos: em huns eraõ Athanaſios, e Chryſoſtomos, em outros Agoſtinhos, e Ambroſios, naquelles eraõ Jeronymos, e Gregorios em ſatisfaçaõ da ſua palavra, e cumprimento da ſua promeſſa, (a que naõ ſabe, nem póde faltar) que por mais que o Inferno ſe armaſſe contra ella, nunca prevaleceria, mas aſſim como nunca prevalecera, naõ deſiſtira nunca, porque tem por

pro-

propriedade, ou melhor differa por eſſencia, naõ ſe arrepender, e por eſta razaõ tanto que a ſeu pezar vio, que a obſervancia do ſigillo fazia Martyres, ſendo o Protomartyr Nepomuceno, logo declarou, e publicou guerra contra a obſervancia do ſigillo, porèm tambem logo achou a Igreja armada do invencivel eſcudo de duas ſagradas Purpuras, que a defendem, e de hum prégador, que a convence com eſte, que elle chama Sermaõ de S. Joaõ Nepomuceno: e eu chamara liçaõ de ponto do ſigillo ſacramental, porque ſe elle para o prègar mudou o pulpito em cadeira, porque para o cenſurar naõ converterey eu em liçaõ de ponto o Sermaõ? Mas huma, e outra couſa he eſte Sermaõ, porque o Auctor unio com tal arte a da Rhetorica com a Syllogiſtica, que quando parece liçaõ de ponto, he Sermão, quando parece ſermaõ, he liçaõ de ponto, em que prova com a mayor evidencia a inviolavel obrigaçaõ do ſigillo ſacramental, ſoltando com a mayor efficacia os argumentos contrarios, (ſe pódem ter nome de argumento) que ſó ſenaõ dará por convencido o que ſe ſujeitar á pena de pertinaz com confiſcaçaõ do racional.

Mas pelo que ouço dizer, devo cenſurar por ſuperfluo o incanſavel eſtudo, com que o Auctor naõ evidentemente refuta o erro da pratica, que impugna, porque he queſtaõ do genero daquellas, a que os Filoſofos chamaõ de *ſubjecto non ſupponente*, porque todos negaõ, que na confiſſaõ haja tal pratica, nem ſe uſe tal eſtylo. Agora me lembra o que diſſe o mayor homem, que no ſeculo paſſado vio a noſſa naçaõ, e admiraraõ as eſtranhas, paſmo da eloquencia, aſſombro do juizo, a quem o Auctor tambem allega neſta ſua liçaõ de

pon-

ponto. Sabendo pela confiſſaõ, que havia muitas mentiras, pois confeſſandoſe muitos do mal, que deſejavaõ, e ainda faziaõ ao ſeu proximo pelos teſtimunhos falſos, que lhe levantaraõ, ninguem ſe confeſſava de levantar teſtimunhos, nem dizer mentiras, e como a experiencia lhe moſtrou, que havia teſtimunhos falſos ſem ninguem os levantar, e mentiras ſem ninguem as dizer, teſtimunhos falſos, ſem haver falſarios, mentiras ſem haver mentiroſos, tirou por conſequencia, que as mentiras naõ tinhaõ autor, ellas eraõ autores de ſi meſmo, e que os teſtimunhos falſos ninguem os levantava, elles ſe levantavaõ a ſi proprios. Eu tambem vendo, que todos negaõ, e nenhum confeſſa, que haja na confiſſaõ eſta pratica, tiro duas conſequencias, a primeira he a meſma, que tirou aquelle grande homem da mentira, que eſta pratica ninguem a uſou, ella he a que uſa de ſi meſmo, ninguem he o autor della, ella he autora de ſi propria. A outra conſequencia he, que he taõ perniciosa para a confiſſaõ eſta pratica, que naõ ha quem confeſſe o ſeu uſo, por mais que muitos digaõ, que ella naõ ſó eſtá uſada, mas já muito gaſtada pelo muito uſo.

Tambem dizem, naõ ſey ſe mais ſentidos, que queixoſos, que naõ havendo a tal pratica naõ havia neceſſidade daquella Paſtoral, nem daquelle Edicto, porém ſe naõ ha quem tal pratique, que importa, ou que mal lhe faz aquelle Edicto, e aquella Paſtoral? Aley, a quem naõ comprehende, naõ aggrava. Em que offende ao Eccleſiaſtico a ley, que o Principe ſecular manda obſervar aos ſeus vaſſallos leigos, ſe ella naõ prejudica a immunidade? Se eſtaõ immunes da Paſtoral Patri-

ar-

arcal, e do Edicto Apoſtolico, digaõ com os Fariſeos: *Quid ad nos?* Quanto mais, ſe como dizem naõ ha o delicto da pratica, e uſo daquella fracçaõ do ſigillo ſacramental, naõ póde haver o eſcandalo, que publicaõ cauſaõ a Paſtoral, e o Edito, porque as leys naõ ſaõ como Jano, que vem, e tem olhos para traz, pois ſó para diante olhaõ: a comminaçaõ das ſuas penas naõ he para caſtigar delictos paſſados, he para evitar os futuros. E deviaõ eſtimar, e dar muitas graças a Deos de lhes dar huns Paſtores taõ vigilantes, que lhe previnem o remedio antes da enfermidade. Naõ he melhor o Medico, que applica preſervativo á doença, antes que ſe ſinta o achaque, do que o que cura depois que ſe padece a enfermidade? Pois ſe ſaõ taõ perîtos os noſſos Medicos eſpirituaes, que na ſua Paſtoral, e Edicto nos daõ preſervativos para naõ enfermar, beijemlhe todos as ſuas ſagradas Purpuras pela vigilancia, com que ſe anticiparaõ com o remedio ao contagio.

Foy a liçaõ de ponto deſte Sermaõ, ou o Sermaõ deſta liçaõ de ponto por maõ de hum Excellentiſſimo Thomás á preſença de outro Eminentiſſimo em tudo, e quando no ouro deſte Sermaõ, ou neſte Sermaõ de ouro podeſſe haver fézes, todas ſe purificavaõ paſſando por tal maõ, e chegando a tal preſença, mas naõ neceſſita de purificarſe eſte ouro, porque nada tem contra a noſſa ſanta fé, e bons coſtumes. Convento da Santiſſima Trindade de Lisboa 27. de Mayo de 1746.

Fr Joſeph de Oliveira.

Viſta

955

VIſta a Informaçaõ, pódeſe imprimir o Sermaõ, de que ſe trata, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, que ſem iſſo naõ correrà. Lisboa 28. de Mayo de 1746.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAÇO.

Approvaçaõ do M. R. P. M. D. Joſeph Barboſa Clerigo Regular da Divina Providencia, e Academico da Academia Real, &c.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade vi o Sermaõ de S. Joaõ Nepomuceno, que prègou o P. Doutor D. Joachim Bernardes. Hum mereceo nova coroa de martyrio por guardar, como devia, com todo o rigor o ſigillo ſacramental, e o outro a merece pela elegante ſciencia, com que diſcorre. Naõ tem couſa alguma contra o Real ſerviço de V. Mageſtade, para que ſe lhe naõ conceda a licença, que pede para ſe imprimir, e de ſe fazer publico, eſte papel conſtarà a grandeza heroica do Santo, e a efficacia Apoſtolica do Prégador. V. Mag. mandarà o que for ſervido. Lisboa neſta Caſa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 4. de Junho de 1746.

D. Jozè Barboſa C. R.

QUe ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do ſanto Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará á Meſa para ſe conferir, taixar, e dar licença, para que corra, e ſem iſſo naõ correrá. Liſboa 7. de Junho de 1746.

Almeida. *Caſtro.*

Erit

Erit enim tempus, cum ſanam doctrinam non ſuſtinebunt; ſed ad ſua deſideria coacervabunt ſibi magiſtros prurientes auribus: & a veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur.

De epiſt. Paul. ad Timoth. 2. cap. 4.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

(SENHOR)

OS Apoſtolos de Jeſu Chriſto foraõ todos dotados do eſpirito de profecia: e no texto, que acabo de repetir, foy Saõ Paulo naõ ſómente Apoſtolo, mas tambem Profeta. A deſgraça he, que ſe guardaſſe para o noſſo Reyno, e para o noſſo tempo o cumprimento fatal deſte infauſto vaticinio: e ainda he mayor deſgraça, que naſceſ-

A ſe

10 S5

ſe a enfermidade nos braços do remedio; porque deſde o tempo, em que Portugal dá culto a Saõ Joaõ Nepomuceno Protomartyr do ſigillo, principiou entre nós o meſmo ſigillo a padecer inſenſivelmente a ſua decadencia. Nunca o povo de Iſrael foy idolatra com mais exceſſo, que quando ſe promulgou no alto do Sinai o primeiro preceito do Decalogo. Parece, que aquella ley, que lhe devia ſervir de freyo, lhe ſervio de eſpora: *Nitimur in vetitum*. Aſſim ſe vio por deſgraça noſſa no noſſo Portugal. Quando Deos nos deo em S. Joaõ Nepomuceno hum exemplo para a obſervancia do ſigillo, principiou a malicia pretextos para a infracçaõ. Fruſtrouſe na conſtancia do Martyr a efficacia do exemplo: creſceo o achaque á viſta do remedio: refinouſe o veneno na applicaçaõ do antidoto. Mas aſſim como aquella idolatria naõ fez que ſe riſcaſſe o primeiro preceito daquella ley, aſſim eſta maldade naõ nos deſobriga de dar culto a eſte Santo.

Parte deſte culto conſiſte nos Panegyricos deſte Novenario, de hum dos quaes ſou eu chamado para Orador. Receoſo venho, e com razaõ; porque em conjunctura taõ critica, que divide a Corte em pareceres, preciſo ſerá, que a muitos deſagrade. Fallar no ſigillo he materia indiſpenſavel, e iſto por dous principios: primeiro, porque a ſua inobſervancia he hoje a couſa mais frequente; e os Prégadores Euangelicos eſtamos obrigados a reprehender o erro, que predomina: ſegundo, porque a ſua obſervancia foy a que grangeou a S. Joaõ Nepomuceno a laureola de Martyr. E aſſim como a quem de veras ama, naõ ſe lhe póde

de fazer mayor liſonja, que fallarlhe no que ama; aſſim tambem a hum Santo, que foy Martyr, porque guardou o ſigillo, naõ ſe póde fazer mayor obſequio, que fallarlhe no ſigillo. Como do ſeu ſegredo ſe lhe ſeguio a gloria do triunfo, repetirlhe a cauſa lhe accreſcentará a ſua gloria accidental no Ceo.

Para fallar pois naõ ſó no Santo, que foy o mais religioſo obſervante do ſigillo, ſe naõ, e muito mais no ſigillo, que fez Martyr a eſte Santo; mas aos que o naõ obſervaõ, naõ fará ſantos Confeſſores, me lembrey de hum texto de Saõ Paulo, no qual (oh laſtima!) ſe retrata com as mais vivas cores o pernicioſo erro, que em Portugal eſtava naõ ſó altamente introduzido, ſe naõ tambem profundamente arraigado: erro, que a naõ ter Portugal hum Argos em cada hum de dous vigilantiſſimos Paſtores, ſem duvida chorariamos o eſtrago do rebanho. Mas quando faltou a David eſpada para degollar gigantes, ou quando naõ teve forças para deſtroçar urſos, e leoens?

Eſcreve S. Paulo a ſeu diſcipulo Timotheo, e lembrandolhe as obrigaçoens do ſeu cargo, o exhorta á execuçaõ do ſeu officio. Préga (lhe diz) a palavra de Deos: inſta, e aperta eſſes cordeis: ſe opportuno, e importuno: argue, roga, reprehende com toda a paciencia, e doutrina: *Prædica verbum: inſta opportunè, importunè: argue, obſecra, increpa in omni patientia, & doctrina*: e parecendome, que fallava comigo a voz do Apoſtolo das Gentes, quiz honrarme com a obediencia ao ſeu preceito. Eu hey de prégar hoje a palavra de

Deos com todo o zelo, que me for poſſivel. Eu hey de argumentar taõ vivamente, que cheguc a convencer: ſe naõ for, que os ſequazes da ſentença oppoſta incorraõ na de Agoſtinho: *Convinci poterunt; vinci non poſſunt.* Eu hey de inſtar de tal fórma os argumentos, que a inveja do ſigillo deverá ficar em hum perpetuo ſilencio. Bem ſey, que em tempo ſemelhante ſerá o ſermaõ, por dilatado, importuno; mas ninguem me negará, que he opportuna a occaſiaõ. Eu hey de pedir inſtantemente a huns, que deteſtem o erro; a outros, que o declamem. Eu hey de reprehender com os termos mais ſeveros a doutrina mais abominavel. Só naõ poderey ſatisfazer ás duas ultimas palavras: *In omni patientia & doctrina*: naõ com a ſabedoria, porque a naõ tenho: naõ com a paciencia, porque me falta. Hey de em fim ir commentando as palavras, que tomey por thema; e moſtrar nellas por deſgraça noſſa retratado vivamente o preſente erro. Demos principio ao diſcurſo para ver ſe damos fim á feita.

Erit enim tempus, (diz S. Paulo) *cum ſanam doctrinam non ſuſtinebunt.* E ſe as profecias entaõ ſe enchem, quando os ſucceſſos ſe conformaõ com os vaticinios, he chegado o tempo, em que muitos varoens havidos por doutos, e timoratos naõ ſuſtentaõ a doutrina ſã, e verdadeira, antes favorecem as partes de huma doutrina falſa, e totalmente errada. Chegou o tempo, em que eſte fogo activo ardendo diſſimulado entre as cinzas da cautela, rebentou em chammas, e ameaçou incendios. Chegou o tempo, em que o tentador aſtuto quiz ſemear zizania entre o trigo eſcolhido

daõ refugiaõ Portugueza. Se eſta deſgraça ſuccedera em outro Reyno, naõ me fora taõ ſenſivel. Aquelle Reyno, de quem diſſe o ſummo Oraculo da verdade, que ſeria puro na fé, e Reyno ſeu: *Erit mihi Regnum fide purum!* Aquelle Portugal, que quando em varios tempos dividido em facçoens o ſacro Conſiſtorio dos Cardeaes elegeo dous Papas, ſempre Portugal por eſpecial influxo da providencia ſeguio, e obedeceo ao Papa verdadeiro! Aquelle Reyno, que para accreſcentar á Igreja Catholica eſpirituaes dominios chegou com a eſpada, diz Vieira, onde S. Agoſtinho naõ chegou com o penſamento! Aquelle Portugal, de quem dizia o ſantiſſimo Padre Clemente XI: *Eſtou bem com Portugal, porque he hum Reyno, que nunca me bolio no Credo!* Portugal em termos de contagio de huma doutrina menos pura! *O tempora! O mores!* Chegou em fim o tempo de cumprirſe a profecia de S. Paulo: *Erit enim tempus, cum ſanam doctrinam non ſuſtinebunt.* Mas que doutrina he eſta, que ſe introduzia em Portugal?

Muitos Eccleſiaſticos bem inſtruidos, e devotos, levados de hum falſo zelo da ſalvaçaõ das almas, vendo o eſtrago, que padeciaõ as conſciencias na deſordem da laſcivia, e deſejando applicar proporcionados meyos á reforma de hum vicio taõ univerſal, aſſentaraõ entre ſi a pratica de huma doutrina certamente deteſtavel, ſem advertir, que da praxe do remedio ſe ſeguiaõ mayores danos, e mais perniciosas conſequencias - *Incidit in Scyllam, cupiens vitare Charybdim*; ou como cantou outro Engenho: *Dum vitia intentant fu-*

ge-

gere, in contraria tendunt. Practicavaõ pois como ſyſtema licito os ſeguintes erros: Que podia, e devia o Confeſſor inquirir do penitente na confiſſaõ ſacramental o nome, a patria, a vivenda, e outras circunſtancias do complice do ſeu peccado: Que podia, e devia negarlhe a abſolviçaõ, ſe o naõ diſſeſſe, ſuppondo, que naõ vem diſpoſto para receber a graça quem naõ quer abraçar os meyos de fugir da culpa: Que podia, e devia o Confeſſor extorquir do penitente licença (bem que invito, e reluctante) para revelar o ſigillo neſta parte ás peſſoas, a quem tocaſſe o remedio do delicto: Que podia, e devia communicar com os Prelados a noticia adquirida na confiſſaõ, para que eſtes com caridade próvida ſolicitaſſem os opportunos remedios. Aſſim o practicavaõ certamente, por mais que agora, negando ineptamente os factos, intentem diſſimular os erros; e, ſuppondo difficultoſa a prova, ſe queixem da impoſtura. Contra eſta doutrina venho hoje declamar: *Prædica verbum.* Contra os ſequazes deſte erro, convertendo o pulpito em cadeira, fortiſſimamente hey de arguir: *Argue.* E ſeraõ taes os argumentos, que naõ poſſaõ refutarſe: moſtrando com evidencia, que ſeguem huma doutrina menos ſã: *Sanam doctrinam non ſuſtinebunt.*

Primeiro argumento. Toda a doutrina, que ſe aparta da praxe univerſal da Igreja, e do commum ſentimento dos Doutores, he falſa, e abſolutamente erronea: tal he a preſente doutrina: logo he erronea, e totalmente falſa. Provo a menor do ſyllogiſmo. O ſentimento commum dos Doutores, e a praxe univerſal da Igreja enſinaõ, que

naõ

naõ póde uſarſe da noticia adquirida pela confiſſaõ, *etiamſi perderetur univerſus orbis, & ſalus totius Eccleſiæ periclitaretur*: logo por nenhum caſo, e por nenhuma cauſa he revelavel o ſigillo. E ſe me diſſerem, (como me conſta, que já dizem) que o ſigillo da confiſſaõ naõ he de Direito divino, nem da eſſencia do Sacramento, e que o ſeu uſo ſó tem autoridade deſde o tempo do Papa Innocencio III. e do Lateranenſe Concilio, a que o meſmo Papa preſidio, reſponderey, que o Concilio naõ impoz de novo eſſa obrigaçaõ aos Confeſſores; mas declarou como dogma infallivel o ſigillo ſacramental, ao qual os Confeſſores já deſde o tempo de Chriſto eſtavaõ obrigados: aſſim como o Concilio Niceno naõ deo divindade ao Verbo, mas declarou por hereges aos que negaſſem no Verbo a divindade. Mas dado, e naõ concedido, que principiaſſe entaõ o onus do ſacramental ſegredo, baſta que hum Concilio Ecumenico o determine, para que fique a ſua obſervancia inalteravel: logo o ſeguimento, e pratica do contrario he manifeſtamente ſuſtentar hum erro; *Sanam doctrinam non ſuſtinebunt.*

Segundo argumento. Todos os ſequazes de doutrina taõ perverſa ſaõ habitadores em alguma das Dieceſes de Portugal; e como taes devem ſujeitarſe ás leys, e penas impoſtas pelas Conſtituiçoens dos ſeus Biſpados: todas as Conſtituiçoens dos Biſpados de Portugal expreſſamente mandaõ com cenſura, que naõ poſſaõ os Confeſſores no acto ſacramental inveſtigar dos penitentes quem ſejaõ os complices do ſeu peccado; e na Conſtituiçaõ do Biſpado de Coimbra, ſobre a pe-

na

na de excommunhaõ, ſe lhes accreſcenta a do perdimento dos beneficios: logo todos os Confeſſores de Portugal eſtaõ eſtreitamente inhibidos para inquirir na confiſſaõ os nomes, e patrias dos complices do ſeu reo: logo os que o praticaõ cõmettem hum erro craſſo: *Sanam doctrinam non ſuſtinebunt.*

Terceiro argumento. O Confeſſor, que obriga ao penitente a commeter huma culpa grave, pecca mortalmente: obrigar ao penitente, que declare o complice do ſeu peccado he culpa grave: logo o Confeſſor, que aſſim pratica, pecca mortalmente. Provo a menor. Revelar hum defeito do proximo em materia grave he offender o preceito da caridade, e da juſtiça: o penitente, que declara os defeitos graves do ſeu proximo, offende a ley da juſtiça, e da caridade: logo pecca obrigado pelo Confeſſor: logo pecca o Confeſſor conſtrangendo ao penitente. Nem ſe me diga, que o defeito do proximo, declarado pelo penitente, fica ſujeito ao ſigillo da confiſſaõ; porque a razaõ de perguntarſe he para o communicar ao Prelado, ou ao Miniſtro, que o caſtigue. E ſe naõ ſe pergunta para que o caſtigue, he eſcuſado, que ſe pergunte. Nem ſe me replique com o fim honeſto de emendar ao penitente, evitandolhe a occaſiaõ do ſeu peccado; porque, ſegundo o axioma Theologico commummente recebido: *Non ſunt facienda mala, ut veniant bona*, ſe naõ he licito o dizer huma mentira leve para evitar hum dano grave, como póde ſer licito o commeter hum peccado grave para evitar outro peccado contingente? Logo a praxe deſta doutrina he erro manifeſto:

to: *Doctrinam ſanam non ſuſtinebunt.*

Quarto argumento. Segundo a praxe commua dos Doutores Moraliſtas naõ deve o Confeſſor negar a abſolviçaõ ao penitente, ſe eſte tem a ſeu favor opiniaõ provavel para que a abſolviçaõ ſe lhe confira: openitente neſte caſo tem opiniaõ naõ ſó provavel, mas ſeguramente certa para obter a abſolviçaõ: logo naõ póde por tal cauſa negarlha o Confeſſor.

Quinto argumento. A licença extorquida do penitente para revelar o ſigillo, ameaçando-o com a negaçaõ da abſolviçaõ, he irrita, e totalmente nulla, porque o penitente em tal caſo procede *vi coactus*, *invitus*, *& reluctans*: ſemelhante licença naõ he licença, mas violencia, e extorſaõ: logo he nulla, e irrita, e deixa em ſeu vigor a obrigaçaõ da obſervancia do ſigillo.

Sexto, ultimo, e fortiſſimo argumento. Todo o fim, que parece levar o Confeſſor em querer ſaber quem he o complice da culpa do ſeu reo, naõ he outro, que encher o preceito da correcçaõ fraterna, caſtigando aquelle, para que ſe emende eſte, fazendo-ſe o Confeſſor inſtrumento daquella correcçaõ. Pelo commum ſentir dos Theologos, e por expreſſa doutrina dos Concilios, particularmente pela do Concilio Calonienſe eſtaõ os Confeſſores advertidos de naõ tomar ſobre ſi eſte pezo por muitos perigos, que dahi podem reſultar: logo o Confeſſor, ainda que ſaiba quem he o complice do peccado, naõ deve fazerſe inſtrumento da ſua correcçaõ: logo erra ſem duvida quem naõ ſe conformar [illegible] os Decretos dos Concilios: *Sanam doctrinam non ſuſtinebunt.*

Todos eſtes argumentos ſaõ taõ ſolidos, e efficazes, que nenhum dos Corifeos da opiniaõ oppoſta ſe atreverá a confutallos. E ſe alguem ha, que ſe determine a reſponderme, eu, que entre todos os Theologos me confeſſo, ainda mais que Paulo, *minimus Apoſtolorum*, os provoco, e deſafio a ſingular contenda: *Deſcendat mecum in ſingulare certamen*; e eſtou bem certo, que, ajudandome a divina graça, ainda q̃ as palavras do deſafio ſejaõ de Goliath, hey de triunfar como David. Eſte he o caracter, e privilegio da verdade, que por ſi meſma ſe defende: *Omnium enim rerum fortiſſima eſt veritas*, diſſe o Nazianzeno.

Porém de que ſerve accumular palavras, ſe lhes eſtá argumentando o innegavel ſyllogiſmo daquelle exemplo? Falla, e anima-te, ſe podes, eſtatua do Martyr invencivel. Falla, ſe podes; que ſe as pedras ſuſtituem talvez o ſilencio dos homens: *Si homines tacuerint, lapides clamabunt*; quem infunde voz nas pedras, bem póde permittir lingua ás eſtatuas. Falla, e grita, madeiro deſbaſtado, ou vulto ſem alma, e com eſpirito. Quem te grangeou a veneraçaõ neſſe Altar? Quem te adquirio a laureola do martyrio? Quem, ſenaõ o ſigillo da confiſſaõ conſtantemente obſervado? Tu ſim, invicto Nepomuceno, que na officina do ſegredo te lavraſte a mais inſigne coroa. Tu ſim, que em conſervarſe até agora a tua lingua freſca, e incorrupta argues mudamente, que foy acerto o teu ſigillo. Logo, ſe o ſigillo ſacramental, taõ religioſamente obſervado, foy o arbitrio de fazerte ſanto, ſeguirſeha, que a infracçaõ [illegible] ſó ſerve de fazer demonios. Naõ quero inferir tanto.

Baſte

Baſte ſaber, que quem naõ imita o teu exemplo, vay errado na doutrina, que por noſſos peccados ſe praticava neſte tempo: *Erit enim tempus &c.*

Proſegue S. Paulo o ſeu terrivel vaticinio, e diz, que os ſequazes deſta doutrina errada faraõ parcialidade á ſua opiniaõ com homens conhecidamente Meſtres, e letrados: *Sed ad ſua deſideria coacervabunt ſibi magiſtros.* Eſtá bem advertido. He muito antigo no mundo o arbitrio de autorizar os erros com o diſtincto caracter do ſeus ſequazes, ou o tenho pela nobreza do ſangue, ou pela eſtimaçaõ do magiſterio. Aſſim o praticaraõ Luthero, e Calvino, brindando com o veneno da liberdade aos Principes do Norte, e de Alemanha. Aſſim o fez Molinos fazendo mudar de còr as Purpuras de Roma. Aſſim o praticou Hugo, e Janſenio corrompendo a Chriſtandade Franceza. Aſſim o perſuadio Arnoldo attrahindo a ſi aos primeiros Senhores da Italia, e da Helvecia. Aſſim finalmente o executaraõ nos ſeculos antigos hum Ario, hum Pelagio, hum Manes, hum Donato, e outros infinitos. Os Grandes ſempre tem quem os ſiga, ou por reſpeito, ou por dependencia, ou por liſonja. E para eſtabelecer hum erro naõ ha arbitrio mais ſeguro, que comprar a inclinaçaõ dos Grandes. O perigo de perder a amizade do Ceſar foy o eſtimulo, com que os Fariſeos obrigaraõ a Pilatos, para que ſentenciaſſe injuſtamente a Chriſto: *Si hunc dimittis, non es amicus Cæſaris.* O modo de autorizar eſta opiniaõ perverſa foy a attracçaõ de alguns Meſtres, a quem o mundo tem por ſabios: *Coacervabunt ſibi magiſtros.*

Meſtres lhes chamou S. Paulo para accõmodarſe

darſe com a accepçaõ do mundo ; mas obſervadó ſeriamente o ſeu uſo , bem os podemos deſpojar da honra deſte titulo. Diz hum gentio ſentencioſo , illuſtrado ſómente com as luzes da razaõ , que injuſtamente logra o titulo de Meſtre quem enſina doutrinas falſas : *Falſo dicitur magiſter , qui falſa docet* : logo , ſendo taõ falſa a ſua doutrina , como já provey , naõ ſe lhes fazia injuria em derrubarlhes da cabeça a borla doutoral , e riſcarlhes os nomes dos catalogos das Academias. Meſtres ſim ; mas taes Meſtres , que eu os naõ quizera para diſcipulos. Deſpedio Pithagoras da ſua eſcola a hum ſeu diſcipulo , porque o obſervava orgulhoſo , e inquieto ; e perguntado dos outros pela cauſa da expulſaõ , reſpondeo : *Et me , & vos perdet* : Eſte mancebo he capaz de arruinarvos a vós , e de arruinarme tambem a mim. Homens inquietos , e urgulhoſos naõ ſervem para diſcipulos , e menos para Meſtres. A mayor prova do orgulho de hum eſpirito eſtá na introducçaõ de novidades. Aos hereges chamaõ vulgarmente os livros orthodoxos *Novatores*. Vede pois ſe hum innovador deve admittirſe na eſcola de Chriſto , ſendo expulſo das aulas de Pithagoras : *Et me , & vos perdet*. Intentavaõ perdernos : a vós com má doutrina , a mim com o mao exemplo. Semelhantes Meſtres naõ cauſaõ edificaçaõ , mas antes eſcandalo , e ruina.

Depois daquella ſempre famoſa acçaõ do lavatorio diſſe Chriſto aos ſeus diſcipulos , que elles lhe chamavaõ Meſtre , e que acertavaõ o nome , porq̃ na verdade o era : *Vos vocatis me magiſter , & bene dicitis ; ſum etenim.* Rara expreſſaõ em modeſtia taõ divina ! Tinha Chriſto acabado de

dar

dar a prova mais evidente da ſua humildade profundiſſima, abatendoſe o Senhor aos pés dos ſeus eſcravos, o Meſtre aos pés dos ſeus diſcipulos; e quando a doutrina ſe qualificava menos nas vozes da ſabedoria, que no exemplo da humildade, entaõ achou que lhe competia propriamente o titulo do magiſterio.

E que outra couſa era a intruſaõ de huma doutrina taõ nova, ſenaõ hum effeito da ſoberba mais altiva? Levantar hum ſyſtema totalmente oppoſto á praxe dos Theologos, que outra couſa he, ſenaõ ſoberba? Imprimir papeis indecoroſos ao ſagrado reſpeito do Tribunal mais pio, levantando-lhe o falſo teſtimunho de que uſurpa a juriſdicçaõ alheya, quando he taõ attento em exercer a propria: Offender com termos menos caſtigados a integridade daquelle prudentiſſimo Conſiſtorio, que naõ toma reſoluçaõ alguma ſem preceder primeiro o mais maduro conſelho: Imporlhe a calumnia de que deo credito a falſas teſtimunhas, quãdo até as verdadeiras ouve com a attençaõ mais circunſpecta: Injuriar, e provocar com dicterios ao mais heroico ſoffrimento, e tratar de mentiroſo ao mais ſanto Tribunal, de quem devemos os verdadeiros Catholicos andar beijando a terra, que pizaõ ſeus Miniſtros; porque a faltarnos em Portugal a Inquiſiçaõ, naõ ſey ſe ha muitos annos eſtariamos hereges: Que outra couſa he tudo iſto, ſenaõ ſoberba? Ah Senhor! *Confundantur ſuperbi, quia injuſte iniquitatem fecerunt*; confundi, meu Exemplar da humildade: *Exemplum dedi vobis*, confundi o orgulho deſtes ſoberbos para exaltaçaõ de voſſo ſanto nome. Olhay, Senhor,

nhor , que naõ ſó quizeraõ introduzir huma maldade , mas tambem huma maldade injuſta : *Injuſtè iniquitatem facerunt* : maldade , porque intentaraõ rompernos a ſegunda taboa de noſſa ſalvaçaõ : injuſta , porque acometem com inſultos ao Tribunal da fé. Ditoſo vós , meu glorioſo Protomartyr do ſigillo , que , poſpondo a vida á obrigaçaõ do ſegredo , mudamente clamais , e ſaõ mayores os brados do voſſo ſilencio , que o levantado grito de taõ injuſtas queixas ; e muito melhor nos enſinais callando , que todos eſtes Meſtres dizendo : *Coacervabunt ſibi magiſtros.*

Eſtes Meſtres , continúa S. Paulo , ſe uniraõ para encher os ſeus deſejos : *Ad ſua deſideria.* Se a liberdade do pulpito naõ tivera por margens os apertados vinculos da modeſtia , largo campo tinha o diſcurſo para correr ſolto no muito que a memoria ſubminiſtra ao entendimento. Nem ſó as couſas do Ceo merecem o *non licet homini loqui* de S. Paulo : tambem as couſas da terra , e mui da terra deveraõ ao meu eſtilo algum ſilencio. Naõ direy tudo o a que poderá obrigarme o ardor do zelo ; mas naõ ſerá taõ pouco , que poſſa dizer com Iſaias : *Væ mihi , quia tacui.* Deſafogar a dor com injurias naõ he tanto doutrina , como vingança. A vingança dos ſeus aggravos toca a Deos: *Deus ultionum Deus* : a mim ſó me toca o ter paciencia , e prégar doutrina : *Prædica verbum in omni patientia , & doctrina.* No que callo neſte ponto, naõ tem pouco que agradecer ao meu deſejo. Ora expliquemos eſtes ſeus : *Ad ſua deſideria.*

Os introductores da doutrina perniciosa ſolicitaraõ a muitos Meſtres, que ſeguiſſem o ſeu di-

ctame; e certamente os acharaõ á medida dos seus desejos, e do seu appetite. Dividem os Filosofos o appetite da natureza em appetite elicito, e appetite innato; e este desejo de saber na confissaõ os complices do penitente, pela frequencia se hia constituindo hum appetite innato; e pelas resultas, que ameaçava, naõ só era appetite elicito, mas illicito, e muito illicito. Illicito, porque faz odioso o Sacramento. Illicito, porque o medo do castigo nos penitentes os retira do mais piedoso exercicio. Illicito, porque he abrir a porta a infinitos sacrilegios. Illicito, porque he absolutamente contrario á pratica da Igreja. Illicito, porque motiva os escandalos, que sentimos todos. Finalmente illicito em si, nas suas causas, nos seus effeitos, em tudo, e por tudo illicito. Eis-ahi tendes definidos estes seus desejos: *Ad sua desideria.*

Os Theologos Moralistas nos ensinaõ, e admoestaõ, que quando no confessionario nos chegarem aos ouvidos materias delicadas, nos abstenhamos quanto for possivel de perguntas curiosas, fundando talvez a maxima deste prudentissimo conselho na cautela, com que devemos evitar perigos: *Qui amat periculum, peribit in illo.* Se ainda vay arriscado quem toca no preciso, como naõ será perigosa a inquiriçaõ do superfluo? Bem sey, que se responde com o especioso pretexto de reformar o mundo; e que sendo a sensualidade hum vicio, cuja emenda está pendente da efficacia do remedio, devem applicarse os meyos mais opportunos para a sua extirpaçaõ. Seja assim. O que eu sey he; que todas as heresias modernas principiaraõ deste modo, e que tendo o principio em liber-

dade

1758

dade reformada, cahiraõ inſenſivelmente em libertinagem diſſoluta. Naõ finjo motivos para a calumnia. A experiencia o prova, a religiaõ o ſente, e eu ſem rebuço o digo: *Non erubeſco Euangelium.* Conſidere logo quem ſe expoem ao ſeu perigo, que conſequencias podem reſultar deſtes deſejos: *Ad ſua deſideria.*

S. Paulo nos enſina, que naõ deve o homem ſaber mais do que lhe convem ſaber: *Non plus ſapere, quam oportet ſapere.* E bem, Apoſtolo das Gentes; o ſaber muito he materia, de que ſe poſſa arguir dano? Sim (reſponde Paulo.) Toda a demaſia he arriſcada: toda a moderaçaõ he neceſſariamente virtuoſa. Perguntar ao penitente as circunſtancias do peccado para fazer juizo ſerio ſobre ſe ſaõ, ou naõ circunſtancias aggravantes, ſe mudaõ, ou naõ de eſpecie: perguntar, e inquirir ſe accaſiaõ he proxima, ou ſe he a culpa he reincidencia, iſſo he o que manda a Theologia, e iſſo he ſaber com ſobriedade: *Sapere ad ſobrietatem.* Mas perguntar pelo nome do complice, em que rua vive, em que caſa mora, que emprego tem, e iſto para o accuſar, para o fazer punir; iſto he querer ſaber mais do que convem ſaber: *Non plus ſapere, quam oportet ſapere.* Pois eſte era, quando menos, o ſanto fim daquelles bons deſejos: *Ad ſua deſideria.*

Prurientes auribus. Neſtas duas palavras apurou S. Paulo todos os primores da arte, e deixou taõ vivamente eſtampada a imagem deſtes curioſos, como que exprimem bem o caracter da ſua doutrina. Naõ ha no idioma Portuguez termos baſtantes para explicar o que ellas ſignificaõ. Perdoe-

doeme a critica ſevera, ſe eu diſſer alguns, que pareçaõ menos cultos pelo que tiverem de mais proprios. O que quer dizer aquelle *prurientes auribus* he coçarſe nos ouvidos. Aſſim declara Calepino o ſignificado daquella voz: *Prurire enim eſt libidine ſcalpendi ardere*; e eu accreſcentara, que he hum deſejo ardente, ou hum appetite deſordenado de eſgaravatar, ou eſcarafunchar nos ouvidos. E naõ he iſto o que praticaõ? Naõ he eſta a doutrina, que ſe intentava eſtabelecer? E eſte coçarſe tanto na borbulha naõ he hum ſinal evidente de padecer a comichaõ? E eſte deſejo ardente, eſte appetite curioſo de ſaber o nome, a patria, a vivenda, e o officio do complice de hum peccado naõ he propria, e rigoroſamente hum eſtar eſcarafunchando nos ouvidos? Sim por certo ſem a menor duvida: *Prurientes auribus.*

Ainda ſignifica mais eſte termo, de que ſe vale o Apoſtolo. *Prurio*, diz o meſmo Auctor, *idem eſt ac peruror*: Abrazarſe muito. E que ſey eu aonde vay prender eſte incendio? Elles dizem, que ſe abrazaõ no fogo do zelo: eu naõ ſey ſe iſto ſerá arder em outro fogo: *Peruror*. Fogo ſim; porém fogo, que hia lavrando occultamente para difficultar a ſua extinçaõ. Fogo ſim; mas fogo malicioſo, que fez rebentar a mina, e produzio nas conſciencias taõ formidaveis eſtragos. Fogo ſim; mas fogo, que para ſer do inferno ſó ſe deſmentio na pouca duraçaõ. Foy ſim; mas fogo revolto pelo caſtigo, que merece. Fogo ſim; mas fogo, que devia ſer queimado, antes que ſe ateaſſe a labareda, e nos cauſaſſe mayor ruina. Fogo ſim; mas naõ fogo de Deos, nem do zelo, como elles di-

zem; porque o verdadeiro zelo naõ uſa deſte fogo.

Apartouſe Elias de ſeu diſcipulo Eliſeo; e aſſim o Profeta, como a carroça, e os cavallos, que o conduziaõ, tudo era fogo: *Currus igneus, equi ignei.* Vio Eliſeo, que ſe lhe auſentava hum Meſtre como Elias, e clamou aſſim: *Pater mi, Pater mi; currus Iſrael, & auriga ejus:* Pay meu, Pay meu, coche de Iſrael, e ſeu cocheiro. Naõ comprehendo eſta expreſſaõ do Profeta. Cocheiro, e juntamente coche parece impraticavel. Coche he aquelle, em que Elias vay triunfante: cocheiro he aquelle, que guia aos cavallos deſſe coche. Pois que quererá dizer o diſcipulo quando diz ao Meſtre, que he coche, e mais cocheiro: *Currus, & auriga?* S. Gregorio Magno reſolve eſta queſtaõ: *Currus ſine auriga eſt zelus ſine prudentia.* Correm os brutos desbocados, ſe no coche naõ ha cocheiro, que os governe. Fará mil loucuras o zelo, ſe naõ houver prudencia, que o modere. Fieſe o zelo ás rédeas da moderaçaõ, e da prudencia, e ſerá fogo de Elias: *Currus igneus, equi ignei, currus Iſrael, & auriga ejus: Currus ſine auriga eſt zelus ſine prudentia.*

Se entrarmos a averiguar a qualidade deſte fogo, que intentaõ perſuadirnos, que arde *ut octo* na materia da virtude, acharemos, que eſtá incurſo na ſentença de *currus ſine auriga*, ou na de *zelus ſine prudentia.* Por ventura póde chamarſe zelo prudente o que ſepara a hum Confeſſor da praxe univerſal da Igreja? He prudencia a preſumpçaõ de que para ſalvar almas tem eſtes zeloſos mais ſabedoria, ou mais actividade, que os Gregorios, os Ambroſios, os Agoſtinhos, e os Jeronymos?

nymos ? He, ou póde ſer prudencia commeter mil abſurdos para emendar huma miſeria ? Será prudencia expor hum penitente a facilitar hum ſacrilegio, e caſtigar o ſeu complice com as penas civis, e abſolutamente ſeculares ? He prudencia o negar a abſolviçaõ a quem tem adquirido o jus de a conſeguir ? He prudencia o eſtabelecer hum erro, que tem gerado tantos danos ? Maldito ſeja hum fogo, que naõ ſerve de purificar, ſe naõ de conſumir. Coche ſem cocheiro, zelo ſem prudencia.

Notay agora, porque he digno de reparo. Subio Elias, deixou cahir a capa, que levava, ajuſtou-a Eliſeo nos hombros, e ſentio em ſi dobrado eſpirito do que Elias teve : *Levavit pallium Eliæ, quod ciderat ; & requievit ſpiritus Eliæ duplex ſuper Eliſeum*.. Eu bem podéra dizer, que do zelo de Elias ſó ficou no mundo a capa, e a fé ; que naõ haverá quem me deſminta ; porque a experiencia moſtra, que todos quantos erros eſtamos lamentando, vaõ muy cubertos, e diſſimulados com a capa do zelo. Porém mais alta, e mais ſeguramente levanto o voo do diſcurſo. Capa. E de que ſerve a capa ? De cubrir, e de encubrir. Meſtres do zelo, ſabios zeloſos da ſalvaçaõ das almas, attendey, que a vós o digo : a capa de Elias, ou a prudencia do verdadeiro zelo naõ ſerve para deſcubrir, ſenaõ para encubrir defeitos. Se vedes fóra da confiſſaõ hum defeito do voſſo proximo, eſtais obrigados a cubrillo com mil capas, para que ninguem o ſaiba. E quando o ſabeis na confiſſaõ, em que o ſigillo vos aperta, entaõ vos foge dos hombros eſta capa, e nem o podeis cubrir, nem o podeis diſſimular ? E intentais perſuadirnos, que o

voſſo eſpirito he dobrado, e he mayor, que o eſpirito de Elias? Naõ póde ſer. Elias teve fogo para abrazar maldades, mas deixou a capa no mundo para encubrir defeitos: *Levavit pallium Eliæ, quod ceciderat.* Mas o certo he, que cahio a capa, e deſcahio o zelo, porque faltou a prudencia no voſſo fogo: e que eſte fogo, ou prurìto, de que o Apoſtolo vos condena, ſempre dá indicio das voſſas intençoens. *Prurire* (diz o citado Calepino) *fœdæ ſignificationis verbum eſt*; e finalmente he certo, que ſemelhantes eſpiritos ſó tem de eſpiritos dobrados o que lhes falta de ſingellos; porque nem tem a prudencia da ſerpente, nem a ſimplicidade da pomba: eſpiritos, e naõ como o de Elias; porque *Zelus ſine prudentia eſt currus ſine auriga.*

A veritate quidem auditum avertent. Por certo (diz S. Paulo) que eſpiritos deſte lote apartaõ, e pervertem os ouvidos do caminho da verdade. E na verdade he aſſim; porque doutrina taõ mal fundada ſó leva os homens pelo caminho da mentira. Mas que ouvidos ſaõ eſtes, de quem falla o Apoſtolo das Gentes? Elle diz, que he hum ſó: *Auditum*: eu digo, que ſaõ dous, ou para melhor dizer, ſaõ quatro: dous do penitente, e os outros dous do meſmo Confeſſor. Apartaõ-ſe da verdade os ouvidos do Confeſſor, porque ouvem o que naõ devem ouvir: apartaõ-ſe da verdade os ouvidos do penitente, porque dizem o que naõ devem dizer. Hum Confeſſor no ſeu confeſſionario he hum Juiz no ſeu tribunal ouvindo partes; e aſſim como ao Juiz ſó lhe pertence ouvir o que deve ſentenciar, aſſim ao Confeſſor ſó lhe toca

ouvir

ouvir o que deve, ou naõ deve abſolver. E como ſó os peccados do penitente, e naõ os do ſeu complice, fazem materia de ſacramento, ſó eſſes, e naõ outros, ſaõ aptos para o ſeu juizo. Logo os ouvidos daquelles Confeſſores vaõ errados, porque vaõ fóra do caminho da verdade: *A veritate auditum avertent.*

Igualmente ſe apartaõ deſte caminho os ouvidos do penitente, porque dizem o que naõ devem. Nenhum Chriſtaõ deve infamar ao ſeu proximo em materia grave; e iſto he o que faz quem declara o complice da ſua culpa. Se hum homem fizer juizo prudente de que o Confeſſor póde vir no conhecimento do ſujeito, licitamente (antes neceſſariamente) eſtá obrigado a callar a circunſtancia, que o póde deſcobrir. Pois como póde ſer licito obrigar hum Confeſſor a hum penitente a que pize aos pés hum preceito da caridade? Conſelho ſemelhante naõ he outra couſa, que introduzirlhe pelos ouvidos o veneno: *Prurientes auribus*, para o retirar do caminho da verdade: *A veritate quidem auditum avertent.*

Iſrael, ſi audieris me ... non erit in te Deus recens, neque adorabis Deum alienum. Falla Deos com o ſeu povo, e dizlhe deſta ſorte: Se tu, Iſrael, me ouvires a mim, naõ has de adorar a outro Deos. Vinde cá, Meſtres ignorantes, (por naõ chamarvos hypocritas Confeſſores) ouvime, e reſpondeime: He ouvir a voz de Deos obrigar ao proximo, que infame ao ſeu proximo? Naõ; porque a voz de Deos he eſta: *Diliges proximum tuum ſicut te ipſum.* He ouvir a voz de Deos ir acuſar o complice a hum Prelado, que o ſepulta no carce-

re; a hum Juiz, que o mete na maſmorra; a hum Principe, que lhe faz perder a patria; a hum Biſpo, que lhe dilata as Ordens, e o inhabilita para o beneficio? Naõ; porque a voz de Deos he eſta: *Non detrahes proximo tuo.* He ouvir a voz de Deos fazer hum abſurdo neceſſario para evitar huma culpa contingente? Naõ; porque a voz de Deos na boca dos ſeus ſabios he eſta: *Non ſunt facienda mala, ut veniant bona.* Ah! E que pouco ſe verifica em vós a ſentença de Jeſu Chriſto: *Qui vos audit, me audit*: Quem vos ouve a vós, a mim me ouve! As vozes de Deos ſaõ todas de verdade; e as voſſas ſaõ vozes do engano, e da mentira. Ou vós fechais os ouvidos ás vozes de Deos, ou vós adorais outro Deos, que naõ he o noſſo: *Adorabis Deum alienum.*

Falla David com o todo poderoſo, e rompe neſtes termos: Ouvirey o que me diz meu Senhor, e Deos; porque ſey, que fallará palavras de paz ao ſeu povo: *Audiam quid loquatur in me Dominus Deus, quoniam loquetur pacem in plebem ſuam.* Quando as palavras ſaõ de Deos, as vozes ſaõ todas de paz: quando ſaõ dos homens, tudo ſoa à guerra. Que guerra naõ tendes declarado, meus imprudentiſſimos Confeſſores, á religiaõ, e ás conſciencias? A religiaõ eſtá padecendo a guerra de hum ſciſma declarado, e as conſciencias a de mil diſturbios manifeſtos. E ſaõ iſto vozes de Deos? Por nenhum caſo; porq̃ as vozes de Deos todas ſaõ de paz: *Loquetur pacem in plebem ſuam.* Povo de Deos he a Igreja Catholica: povo de Deos he o Reyno de Portugal. E querieis vós com dogmas menos ſeguros alterar a doce paz, e introduzir

duzir o eſpirito da diſcordia em Portugal, e na Igreja? E intentaveis perſuadirnos, que ouvis as vozes de Deos no retiro da oraçaõ? Valente hypocriſia! Eſta voz de Deos (continúa David no ſeguinte verſo) falla com os ſeus ſantos, e com aquelles, que ſe convertem para o coraçaõ: *Et ſuper ſanctos ſuos, & in eos, qui convertuntur ad cor.* Logo naõ falla comvoſco, ou vós naõ percebeis o que elle diz. A illaçaõ he evidente. Os ſantos convertemſe de fóra para dentro; e vós de dentro para fóra. Os ſantos de fóra para dentro, porque trataõ ſeriamente do homem interior; vós de dentro para fóra, porque vomitais o que tendes no coraçaõ: logo com os ſantos, como David, he que Deos falla, mas naõ com os ſantos, como vós; porque vós fazeis nas conſciencias a guerra dos eſcrupulos; e Deos falla ao ſeu povo palavras mui de paz: *Quoniam loquetur pacem in plebem ſuam.*

Finalmente para concluir eſte diſcurſo diz o Apoſtolo, que eſtes Meſtres, e ſua doutrina ſe ha de converter, e reduzir a fabula: *Ad fabulas autem convertentur.* A palavra *Fabula* ſe deriva do verbo *For*; e naturalmente entendida vale o meſmo que falladura. E na verdade, que outra he o que eſtamos vendo, ſenaõ huma mera falladura? Vede, ſe me achais razaõ. Pergunta o Confeſſor ao penitente o que naõ deve perguntar: eis-ahi huma falladura. Reſponde o penitente ao Confeſſor o que naõ deve reſponder: eis-ahi outra falladura. Fulminaſe o anteaço de negar a abſolviçaõ, ſe naõ diz com quem peccou; eis-ahi huma falladura. Violentaſe a vontade para a licença de tratar da emenda: eis-ahi outra falladura. Participaſe a noticia

ao Juiz,

ao Juiz, ao Principe, ao Prelado: outra falladura. Sabe-o quem o leva á prizaõ, quem o conduz ao navio, naõ o ignora o carcereiro, o Capitaõ da nao, o Piloto, o marinheiro, o matalote, os paſſageiros: todos fallaõ, todos dizem, tudo he falladura; e entre tanto padece naufragio o ſacratiſſimo ſigillo, que devia guardarſe, e ſalvarſe na taboa da confiſſaõ, ainda que pozeſſe a riſco de padecer jactura o mundo, e a Igreja meſma: *Etiamſi perderetur univerſus orbis, & ſalus totius Eccleſiæ periclitaretur.* Vede bem as conſequencias deſtas falladuras: *Ad fabulas autem convertentur.*

Levaraõ a Chriſto á preſença de Pilatos, e por mais que o inſultaraõ com falſas accuſaçoens, emmudeceo o reo innocentiſſimo: *Jeſus autem tacebat.* Obſervou Pilatos o mudo ſilencio do accuſado, e diſſelhe, que reſpondeſſe aos cargos, que lhe faziaõ: *Nil reſpondes ad ea, quæ iſti contra te teſtificantur?* E o Senhor ſem dizer palavra: de tal forma, que o Preſidente ſe admirou: *Et non reſpondit ei ad ullum verbum, ita ut miraretur Præſes vehementer.* Oh viva, e ſagrada imagem do ſigillo da confiſſaõ! Dizeime, ſenhores: Ha de ſer poſſivel, que guarde ſilencio quem eſtá ouvindo injurias proprias, e que naõ deva ter ſegredo quem ouve as miſerias alheas? Nem nos convence a razaõ, nem o exemplo nos perſuade? Dirmeheis acaſo, que Chriſto callou, porque aſſim era preciſo para remir o mundo; e que vós fallais, porque aſſim he neceſſario para ſalvar as almas. E naõ advertis, que o aſpid vay occulto nas flores, o veneno no antidoto, a ruina no remedio?

E naõ

E naõ reparais, que quando quereis ſalvar aos outros, vos condenais a vós meſmos? *Quid prodeſt homini, ſi mundum univerſum lucretur; animæ vero ſuæ detrimentum patiatur?* Sim: que revelar o ſigillo he peccado mortal da primeira plana, e hum peccado mortal naõ deve commetterſe, ainda que delle ſe ſeguiſſe a ſalvaçaõ de mil mundos. Tomay bem o pezo a eſtas falladuras, que o Apoſtolo condena: *Ad fabulas convertentur.*

Dizia hum dos ſete ſabios de Grecia, que naõ ſaberia fallar quem naõ ſoubeſſe guardar ſilencio: *Loqui ignorabit qui tacere neſciet.* Se no ſeu tempo ſe praticaſſe eſta doutrina do noſſo tempo, que diria deſtes ſabios aquelle ſabio? Aquelle ſegredo taõ venerado até dos meſmos gentios, como Socrates, Platão, Ariſtoteſe, e Seneca, vive hoje reduzido a fabula: *Eris perditus in proverbium, & fabulam*, diſſe Deos no Deuteronomio. Naõ ſe falla nas converſaçoens em outra materia; porém como ſe falla? Com riſco, e com eſcandalo. Fabula tambem ás vezes ſe toma por mentira. Porque ſaõ mentiras as da Mitologia, por iſſo ſe chamaõ fabulas. E que mentiras naõ ſe dizem, que hiſtoríolas naõ ſe contaõ, que enredos naõ ſe tecem, que ſatyras naõ ſe inventaõ em deſpique da violaçaõ do ſigillo? Eis-ahi o a que ſe expozeraõ as fautores deſtas fabulas. E fique convencido, que prognoſticou S. Paulo, por deſgraça noſſa, o que no noſſo tempo, e no noſſo Reyno eſtamos lamentando: *Erit enim tempus &c.*

Acabey o ſermaõ; mas ainda falta o que S. Paulo vay proſeguindo no texto. *Tu vero vigila, in omnibus labora, opus fac Euangeliſtæ, miniſ-*

te-

terium tuum imple : ſobrius eſto. Comigo parece que falla o Doutor das Gentes. *Vigila.* Alerta eſtou para naõ cahir em ſemelhante erro, e para advertir a meus proximos, que naõ cayaõ. *In ommibus labora.* Alguma couſa, ainda que pouco, tenho trabalhado. Se naõ tiveſſe a lingua preza com o cadeado do ſigillo, alguns trabalhinhos diria, que ſobre eſte ponto me tem ſuccedido na confiſſaõ. *Opus fac Euangeliſtæ.* Hoje ſim, que tenho dito as verdades. *Miniſterium tuum imple.* No meu miniſterio clamo até onde chegaõ minhas forças. *Sobrius.* Naõ ſey ſe a moderaçaõ, com que hoje me portey, me faz tranſgreſſor de outro preceito do Apoſtolo: *Increpa illos durè, ut ſani ſint in fide.* Se fuy ſobrio, aquelle conſelho me inſtruio. Se fuy demaſiado, eſte dictame me deſculpa.

No que ſe ſegue do texto falla S. Paulo de S. Joaõ Nepomuceno, ou falla eſte famoſo Protomartyr do ſigillo por boca de S. Paulo: *Bonum certamen certavi, curſum conſummavi, fidem ſervavi:* Eu (diz o famoſo Martyr) tive huma grande batalha, eu me vi metido em huma terrivel contenda, eu luctey braço a braço com o meu Soberano; mas naõ conſenti em liſonjearlhe o goſto com jactura da virtude: *Certamen certavi.* Eu acabey felizmente a carreira da minha vida, porque a conſummey cingindo a laureola de Martyr: *Curſum conſummavi.* Eu guardey inteira fé á obſervancia do ſigillo, porque nem premios, nem caſtigos me obrigaraõ a romper a ſua integridade: *Fidem ſervari.* Mas por iſſo fuy lograr no Ceo a nobiliſſima coroa, que me tinha prevenido a divina, e juſta liberalidade de Deos em galardaõ de meu heroico

ſilen-

filencio: *In reliquo repoſita eſt mihi corona juſtitiæ.* E para animar a meus irmaõs, os Confeſſores pios, e Catholicos, lhes prometto em nome de meu Deos, que ſe guardarem o ſigillo, como eu guardey, teraõ hum premio, como eu tive: *Non ſolum autem mihi, ſed & his.* Grande conſolaçaõ para os que exercitamos eſte trabalhoſo officio! Grande confuſaõ para aquelles, que o exercitaõ menos bem! Vós, meu invicto Martyr, nos enſinay com a voſſa doutrina como ſabio, e nos inſtrui com o voſſo exemplo como ſanto, para que imitando o acerto dos voſſos paſſos, ſejamos participantes do voſſo premio, e vivendo como Chriſtaõs em graça, vos acompanhemos felizmente como bemaventurados da gloria. Amen.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
4
ABR
41
Nº DE REG. 2.819

23 55

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
ABR
Nº de Reg. 2.811